

II E-ANTOLOGIA
DE
POESIA RETRÔ

Organização geral: Rommel Werneck

MMXXII

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S456 **II e-antologia de poesia retrô [recurso eletrônico] / Organização geral: Rommel Werneck. - Santo André, SP: Edição do Autor, 2022.
44.451 KB ; PDF.**

Edição "Denise Severgnini"

Livro digital

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-89975-40-3

1. Poesia brasileira. I. Werneck, Rommel.

CDD B869.1

CDU 869.0(81)

Elaborada por: Amanda Moura de Sousa CRB-7/5992

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Poesia brasileira B869.1

2. Poesia brasileira 869.0(81)

II E-ANTOLOGIA DE POESIA RETRÔ

Edição “Denise Severgnini”



MMXXII

www.poesiaretro.blogspot.com

AUTORES

Alexsandro Alves

Álvarez Setúbal

Alysson Bezerra

Bartolomeu de Castella

Bernardo Szpilman

Daniel B. de Siqueira

Edwaldo Camargo Rodrigues

Elisa Maria de Freitas

Elvira Drummond

Gilliard Santos

Guilhermo Vaz

Jerson Brito

José Eduardo Angelini Milani

Lucrecia Welter Ribeiro

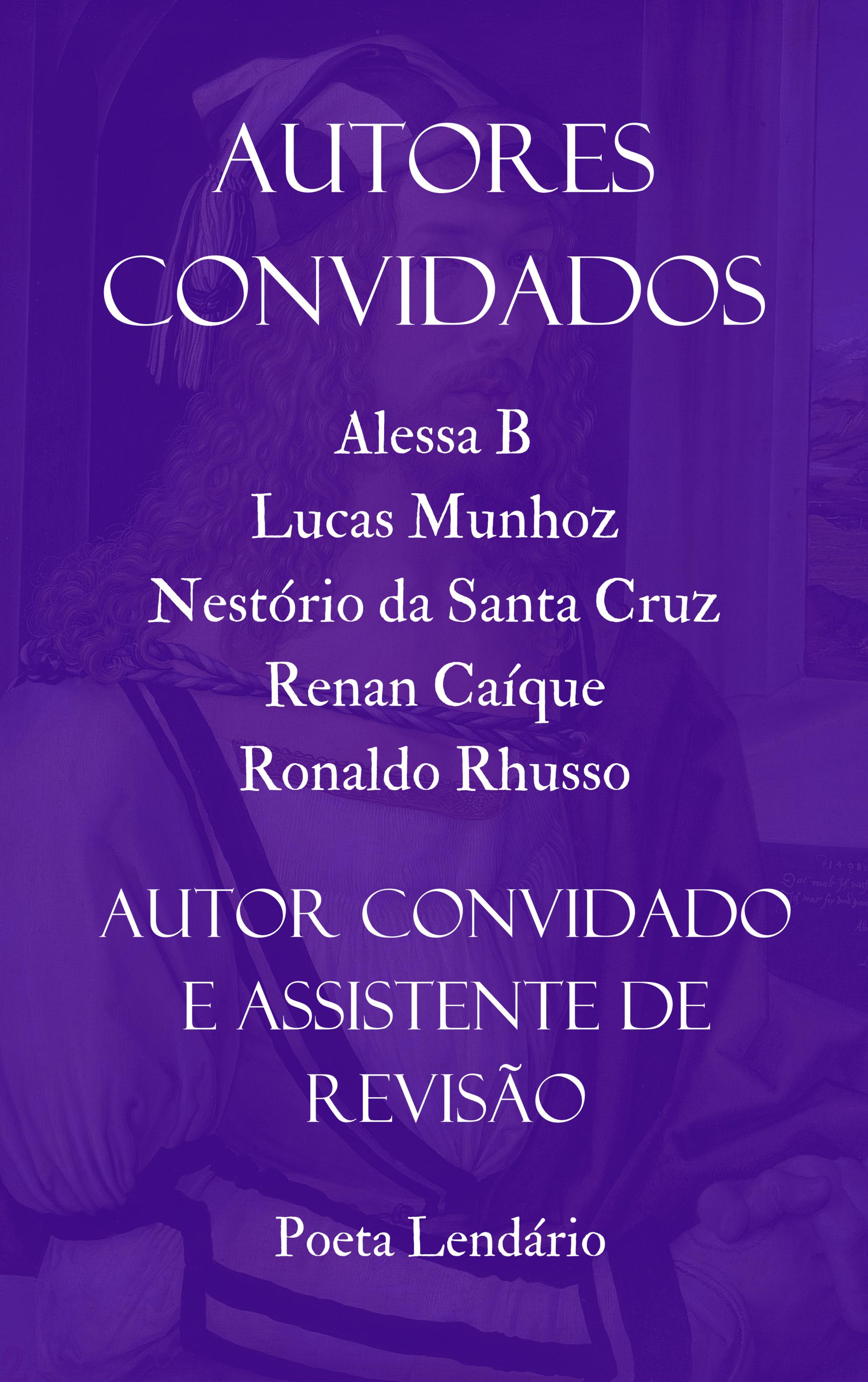
Olivaldo Júnior

Pero Guimarãez

Schleiden Nunes Pimenta

Thais Bueno

Vânia Perciani



AUTORES CONVIDADOS

Alessa B

Lucas Munhoz

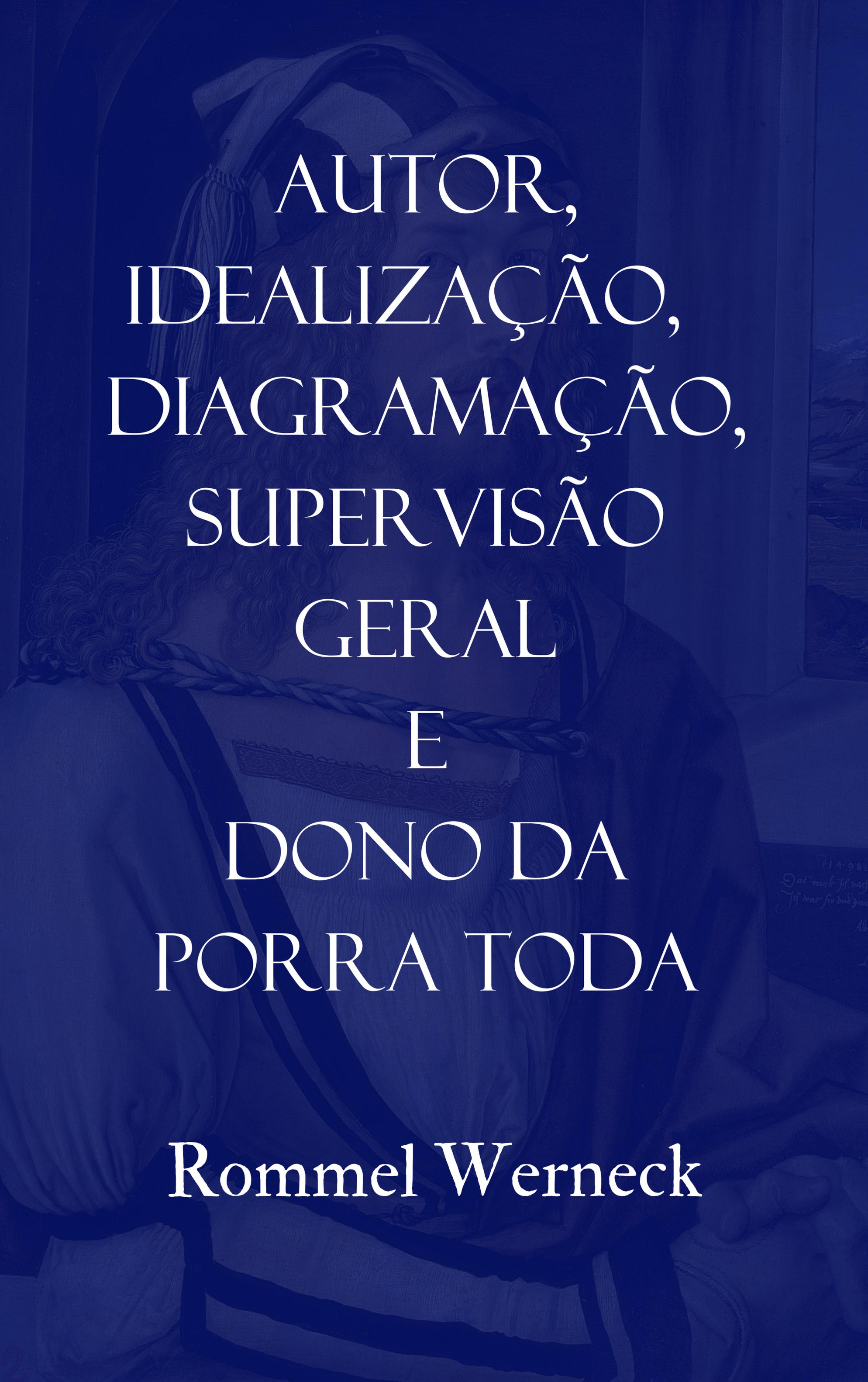
Nestório da Santa Cruz

Renan Caíque

Ronaldo Rhusso

AUTOR CONVIDADO
E ASSISTENTE DE
REVISÃO

Poeta Lendário



AUTOR,
IDEALIZAÇÃO,
DIAGRAMAÇÃO,
SUPERVISÃO
GERAL

E
DONO DA
PORRA TODA

Rommel Werneck

ÍNDICE

Prefácio	8	Ronaldo Rhusso	142
Soneto de Abertura	10	Schleiden Nunes Pimenta	145
Alessa B	11	Thais Bueno	161
Alexsandro Alvers	17	Vânia Perciani	165
Álvarez Setúbal	23		
Alysson Bezerra	28		
Bartolomeu de Castella	29		
Bernardo Szpilman	35		
Daniel B. de Siqueira	42		
Edwaldo Camargo Rodrigues	47		
Elisa Maria de Freitas	53		
Elvira Drummond	60		
Gilliard Santos	66		
Guilhermo Vaz	72		
Jerson Brito	74		
José Eduardo Angelini Milani	80		
Lucas Munhoz	87		
Lucrecia Welter Ribeiro	93		
Nestório da Santa Cruz	113		
Olivaldo Júnior	119		
Pero Guimarães	122		
Poeta Lendário	124		
Renan Caíque	130		
Rommel Werneck	136		

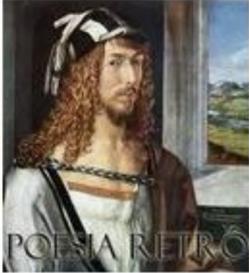
PREFÁCIO

O Fórum do Recanto das Letras, gênese deste grupo em 2009, veio a ser fechado em 2010, mas foi o falecimento da poetisa Denise Severgnini em 2013 que mostrou-me o funeral do espaço de debates. Já que esta seleção focaliza a Tradição Literária e numa retomada de mais de dez anos de atividade antológica, julguei adequado e justo homenagear a antiga membra desta comunidade denominando esta edição de “Denise Severgnini”. Quem viveu nos áureos anos de 2007, 2008 e 2009 no extinto fórum recordar-se-á das tretas e situações engraçadas que a saudosa amiga provocava.

Ela também fez a versão em slides do I E-Book de Poesia Retrô, ainda em 2009, uma versão mais artística, mas contendo os mesmos poetas e obras. A presente antologia surpreende-me porque fez-me conhecer novas pessoas e novos estilos dentro do estilo retrô. O senhor Bruno Fagundes Valine, o Poeta Lendário, é o único da safra de 2009 além de mim.

Espero que o leitor aprecie os versos livres, heterométricos e isométricos aqui publicados. Haja vista que a poesia de nosso tempo tem sido muito comercial e minimalista, espero que os autores também se encontrem.

Rommel Werneck



Poesia Retrô
(20 membros)

- convidar amigos
- editar perfil
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros
- spam
- lixeira
- enviar mensagem

Poesia Retrô

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Poesia Retrô

descrição: **Blog Oficial Poesia Retrô:**<http://poesiaretroapoesiadesempre.blogspot.com/>

A idéia é compor poesias que mantenham forte inspiração no passado e que também tenham inspiração no presente. Assim como a moda que a cada estação revela novas releituras, a poesia também pode nos mostrar criações do século XXI com inspiração nos poetas barrocos, parnasianos, românticos etc e exprimir essa "velharia" utilizando métrica em alguns textos, como nos sonetos. Também são frequentes o uso de temas passadistas, arcaísmos, figuras de linguagem, emocionalismo e conflito interno, isolamento do cotidiano, referências mitológicas e religiosas etc. Não queremos lutar contra a modernidade, pelo contrário, ela nos auxilia muito, mas nem tudo que se faz hoje é válido como nem tudo que se fez ontem era errado.

Se vós vos idenifiqueis com nossos versos, juntai-vos a nós.

Rommel Werneck:<http://recantodasletras.uol.com.br/autores/rommelwerneck>

Gabriel Rubinger Betti<http://recantodasletras.uol.com.br/autor.php?id=20577>

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: **Artes e Entretenimento**

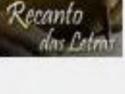
dono: Rommel Werneck LUTO ETERNO

membros (20)

 Daniel	 Mens. Obscuro	 Rommel Werneck
 +++Me	 C.	 杜牛
 Damnus	 Breno Filth	 Gabriel

[ver membros >>](#)

comunidades relacionadas

 +++ Vale das	 Recanto das	 Recanto das
---	--	--

Poesia é um eco convidando uma sombra para dançar " Carl Sandburg

Soneto de Abertura

*Por minha fronte em louros, alta, brilha
Luzente qual clarão Meridiano,
Na obra em arte maior à redondilha,
Do trovador dos mares e oceano.*

*Pelo papel decai a maravilha
Da luz à escuridão em toque insano
Que me harmoniza à mente uma armadilha
Do verbo curador que inflige dano.*

*Enfim, na dor absíntica de drama
Alastra e vige tal parestesia
Que enleia tanto a treva quanto a flama.*

*Na luz vibrante deste novo dia
A incumbência aos artistas a arte exclama:
Que os nossos versos salvem a poesia!*

DANIEL B. DE SIQUEIRA, ALEXSANDRO ALVES,
THAIS BUENO, POETA LENDÁRIO, ALYSSON
BEZERRA, RONALDO RHUSSO, GILLIARD SANTOS E
ROMMEL WERNECK

Alissa B

A autora convidada contempla os leitores com dois sonetos bastante intensos já publicados no Recanto das Letras e um texto inédito em versos isométricos

FEITICEIRO

*"Tanto mais robusta a fantasia, quanto mais débil o raciocínio."
Giambattista Vico*

Macabras noites desse negro outubro,
Horror e medo habitam nesse encanto,
Súbita em teu afeto me descubro
Num pálido momento, débil pranto!

Meu peito inverso, mar de sangue rubro,
Incauto se aventura em néscio canto
E com cada acre lágrima me cubro
De arroubos lassos, tíbios, entretanto...

Curvada à luz de Febe te saúdo,
Tu, Bruxo, natural d'algun recanto,
Mistérios meus em sonho, conteúdo...

Despindo-me desse perverso manto.
Na bruma reverbera o grito agudo,
Harmônico feitiço em contracanto...

EXTREM'UNÇÃO

"Hodie mihi, cras tibi."

Convulsa neste leito em que me expiro,
Purgando más feridas no meu peito
Em sombras vãs e efêmeras me firo,
Num sonho néscio, rude, liquefeito.

A vida se dissipa num suspiro,
Mil formas se debatem no meu leito,
Em transe regurgito e me reviro,
Amando teu reflexo sem efeito.

E quando já suspensa pelo Eterno,
Vagando num escuro e ermo jardim,
No vácuo de um feroz e horrendo inverno,

Chorando em desespero, tudo... enfim.
Virás às portas deste insano Inferno,
Atrás da tua pútrida alma em mim!

O BAILE DE MÁSCARAS

*"Porque vi alguma coisa?
Porque tornei meus olhos culpados?"
Ovídio*

I

No poente céu em fogo, aquela tarde,
Quando o Sol, véu dourado, desfazia,
N'ocidente sem ruído e sem alarde
Seus fios d'ouro na espuma sombria...

Cupido, do Amor, mensageiro alado,
Que de setas s'arma e se municia,
Lançado a Terra pela mão do Fado
Trouxe-me alento novo aquele dia!

II

Valsando aos braços da melancolia
Debaixo d'um luar baço e enevoadado...
A alma d'mim aos poucos se desprendia
Buscando um sítio doce e perfumado.

Descansar sobre a relva alta e macia
Nos volúveis jardins do Firmamento
Colher na Estrela um pouco d'alegria
E abandonar-me em vão esquecimento.

III

Mas eis que mirand'olhar tão profundo
Atrás d'uma máscara dura e fria
Era o mistério d'um oculto mundo
Que em meigos sonhos para mim se abria!

Tão belo Anjo dos Céus me aparecia,
Que o coração no peito se apertava
Era o afeto qu'em mim já não cabia,
Era o afeto expandindo como lava!

Alessa B

Nascida em Porto Alegre, reside atualmente no Paraná. É formada em Letras Português/Inglês, com pós-graduação em Teoria Literária. Gosta de participar de Concursos Literários e possui dois e-books de poesia publicados na internet: *Asas de Borboleta* e *Aphrodisiakos*. Atualmente se dedica aos grupos *Vertentes Literárias* e *Literatura & Outras Artes* no Facebook.

Página: [Recanto das Letras](#)

Página: [Trovart Publications](#)

Página [Vertentes Literárias](#)

Grupo [Vertentes Literárias](#)

E-mail - ale-bertazzo@hotmail.com

Alexsandro Alves

Apresenta 4 sonetos hendecassílabos e um com dodecassílabos e alexandrinos. O primeiro texto homoerótico da edição e os três textos sobre Santos Dummont são inéditos.

ANTÍNOO

A efígie de Antínoo nas águas do rio,
O heráldico amante de Adriano Augusto,
Findava-se o amor em tenaz fado injusto,
Porém não findava a amizade viril.

O verde telúrico sente sombrio,
E plúmbeo chuveiro a chorar cada arbusto,
Desliza do céu pelo tão nobre busto,
Adorna a tez morta em um vivo e vão brio.

As mãos masculinas de Adriano agora,
Tocam o vigor estagnado do aprisco,
Crepúsculo frio de tão intensa aurora.

Silente respeito ergue a terra, obelisco
Abstrato em memória deste eros de outrora,
De nobre e erudito prazer, trunfo prisco.

TRÊS SONETOS PARA SANTOS DUMONT

1. LABIRINTOS

Ícaro nos céus de Paris solitário,
Decolou com suas asas modernistas,
Dédalo de suas imensas conquistas,
Ícaro mais íntimo em claustro no armário.

Este labiríntico visionário,
Nos comportamentos dândis, elitistas,
Convencionados, encobria pistas,
Dos excitamentos em um eu precário

Construístes teu labirinto invisível,
Eras o Teseu de teus sonhos secretos,
Astérion em seu mais primitivo nível,

Pathos adestrado em dissimulado etos,
Monstruosidade ilegal e punível,
Amores sem nomes, sociais dejetos.

2. ARIADNE

Sua timidez é tão segura e frustrante,
Parece calculada esta tranquilidade,
(Requintada, de certo aspecto da cidade) –
Com tais tipos assim é fácil ir diante?

Porque a corte educada, insossa, já garante,
(Na falta de desejo afoito, de vontade),
Uma compensação à masculinidade,
Que em teus afetos nunca encontrou-se bastante.

Porém o fio desta Ariadne carrega,
Não a salvação de teu social labirinto,
Pois todavia afirma o que você renega:

Por quanto tempo assim viverás o tabu?
Eu sei que sentes firme o que de ti pressinto,
Ariadne, senhor, em alma, foste tu.

3. NAXOS

Teu coração grita de pânico e dor,
Ninguém acompanha tua queda triste,
Sempre foste tu solidão no que existe,
Pelo sentimento árduo de transpor.

Bombas explodindo o ser interior,
Bombas explodindo firmemente em riste,
A tranquilidade por fora te assiste,
Enquanto teu cor pulsa dores em flor.

Sozinho em teu lar observas a gravata,
Seria ela símbolo do que te humilha,
E também o fio que teu cor desata,

Nesta queda livre sobre esta mobília,
O teu coração encontrou soltura grata,
Fantasmagoria aérea na família.

Alexsandro Alves

ALEXSANDRO ALVES nasceu em 22 de janeiro de 1975 em Natal/RN. É autor do livro *Estética, Política & Conservadorismo* (2022). Amante do soneto, da ópera e do romance.

franciscoalexsandrosoaresalves@hotmail.com

Alysson Bezerra

O poeta estreante presenteia os
leitores com 4 textos inéditos em
versos livres

A TRISTEZA DE NUIT

Chora, chora triste Nuit...
Acoberta tua grande tristeza
Com nuvens pesadas, negras...
Nubla essa beleza desnuda,
Esconda mesmo teu divino rosto!
Cheia de tão dura angústia
Derrama sobre Geb este choro
Trovoado n'alma com tanta amargura.

Nuit: Deusa egípcia simbolizante da esfera celeste, ela também é dita como a mãe de todos os corpos celestes.

Geb: Deus egípcio da terra, também irmão gêmeo e cônjuge de Nuit.

CENTELHAS DO MAR

Por ondas gélidas de água escura,
Sombras onde o Cosmo dança,
Sobre o seio de uma deusa sem figura
O céu melancólico espelha
Dormindo, sonha com ventos de bonança
E perece nos toques de centelha...

ESTRELA CADENTE

O céu brilhava em infinitas torres:
Distantes estrelas e galáxias frias
Por olhos cintilantes eram apagadas,
Chorasas olhavam para a rodovia...

Ela subia totalmente agraciada...
Sozinha, o véu estelar balançava
Uma lágrima caída abandonava
À rodovia totalmente calada...

Seu vestido surrado esvoaçava
Aos serenos gemidos lunares...
Pendia seu corpo já fraco
Com os pulsos abertos arqueados

Como uma estrela cadente jazia
Brilhante; estava recheada de vida!
Sua mente apagava-se febria
Ao doloroso abraço da rodovia.

SONHEI COM TEUS OLHOS

Fitei teus doces olhos
Chamejando de amor por dentro
Os beijei num sonho...
Apagado, pelas flores do relento
Iluminavam num toque ardido
As folhas levadas pelo vento.

Cobriam o véu azulado
Acobertados pelo triste céu nublado
Eram emoldurados ao pasto...
Chorados, por um corpo magro
Exacerbados em moldes negros
Desfiados de um Sol árido...

Alysson Bezerra

Alysson Bezerra é um poeta e pintor cubista nascido em União dos Palmares (AL), sua poesia é altamente intimista e influenciada pelas escolas simbolista e ultrarromântica, esta é sua primeira participação em uma publicação oficial.

Álvarez Setúbal

Escrito entre 2009 e 2010 sob estilo 1772/1773, Klaus Sgroi adota este heterônimo para o poema a seguir já publicado em seu livro não acessível agora. Os quatro textos do Sr. Klaus foram escritos em uma única vez e em heterônimos diferentes. Por organização, as 4 seções de heterônimos do sr. Klaus estão em rosa.

Ó, ALICE QUERIDA!

Ó, Alice,
Espousa adorada,
És mais que poema,
És mais que aguardada

Tu és a única que
Acalma minh'alma
E me livra do fardo
Das mágoas que guardo

Se dia, então,
Surjar o peligre*,
Como hey, minh'amada,
De trajar** os degraus da escada ?

* expressão eufêmica da época que significa
"morrer" (como "abotoar o paletó")

* verbo da época que significa "subir",
"ascender"

Klaus Sgroi

"Klaus" é o pseudônimo de Cláudio Sgroi, nascido em Tatuí - SP em 27/08/1992. Licenciado e bacharel em Letras Português/Inglês, certificado em nível avançado de inglês pela Universidade de Cambridge, proprietário de microempresa do ramo educacional, professor de inglês desde os 17 anos e poeta/escritor desde os 11. Publicou 6 livros, os 5 primeiros de forma independente.

<https://linklist.bio/PoetaKlaus>

Bartolomeu de Castella

Escrito sob estilo 1307/ medieval o professor Klaus Sgroi nos brinda com uma cantiga de maldizer como dissemos na seção Álvarez Setúbal. Seguem notas de glossário.

EN MUNDO PLANO MUINTO COEY

En mundo plano muinto coey
Tudas a visto mais guostei
Cummo, em Terra, amá-la hey ?
Vagueio pado poi arrista
Canteio muido pel'ourinho
E, ai ! Senhor de ti arrego tende !

Falta-le gando, falta-le deno
Falta mirna e memoleo
Cummo, em Terra, amá-la hey ?
Sovra argúria e cantomenso
Sovra panta arrebiçada
E, ai ! Pai de ti arrego tende !

Todo en ti é non louveiro
 Louv'apena teu silêncio
 Cumo, em Terra, amá-la hey ?
 Feicho a'ora cum chave d'oiro:
 Cous'auguma cum ti hey foro
 E, ai ! Deos de ti arrego tende !

coey= caminhei, percorri arrego = pena

Vagueio pado poi arrista = Vagueio pálido pela campina

Canteio muido pel'ourinho= Canto mudo pelo pasto (ourinho: campo/pasto elevado e inclinado, uma ladeira rural)

gando = gana, raça deno= coragem, ousadia
 mirna e memoledo = carisma e benevolência

Sovra argúria e cantomenso/ Sovra panta arrebiçada= Sobra angústia/amargura e convivência/ Sobra pança arrebitada (barriga farta, grande)

non louveiro = não louvável foro: farei, terei.

Bernardo Szpilman

Todos os 4 poemas já são conhecidos pelo público no instagram @nata.raja64, inclusive Aurora estará na antologia IX Viagem pela Escrita. O último texto, no entanto, passou por uma revisão resultando uma nova versão divulgada na coletânea impressa *Vozes em Poesia*. Os versos livres parecem inspirados no Simbolismo e no Romantismo.

A PRIMAVERA

Ah, a Primavera.. não fujas mais de mim!
quero-te olhos perolados, com os teus florais
lábios rosados à toda idade: pois não faz assim!
ó tua mão aveludada me encanta, tuas tranças tais,
 não me aguento mais, pés de marfim!
à beira do choro abismal—pobre de mim!—iguais
dedinhos não há, quero estar quase a encontrar-te
a todo momento, quero tu mesmo agora—ou
 a morte!

AURORA

Dorme a princesa dos sonhos,
assim adormecida, há
quem possa jamais acordá-la?
há neste mundo mais singela
estonteante beleza que a dela?
Se a neve do céu despede-se
e os meus olhos devoram tua
bonita aurora, como o mel
deposto jorrando sobre maçãs
do teu rosto, e encontro manhãs
campestres de infinitas horas,
como posso querer ir-me
embora? como podes
estar aqui dentro tu, e eu,
estar fora?

GALEÕES

*e o sempre enobrecido
Scalabicaastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.*

*—Canto III, 55
Camões*

Nos campos de arroz de Scalabicaastro
eu estou a regalar esta flor, de águas
límpidas deleites do Tejo, com o lastro
dos pequenos barcos a remo mágoas
dissolvem-se entre o ar puro e o mastro
de um Galeão, voltante de índias tréguas,
feito de Guanandi possante, e faz a sombra
para delícias de meu amor e eu,
juntos na penumbra.

ANJO AZUL

Anjo azul, espairado sobre
as escadas de quarta potestade,
como pôde o sol divagar de tua
presença e correr livre a banhar
a tarde d'outro mar? escapa-me
toda vontade de avançar a aurora
que ainda amanhã pode pairar na
encosta, e banhar o pensamento;
eu renego ainda o sol, aquele sol
bruto de segundas que acha-se
no escuro, que não pode com a
risonha feição angelical. Se devagar
quero que venha a minha felicidade—
meu poema e afeição, não por tanto
me julgues como o sol vou sentenciar!

Ah deixe-me pousar os cabelos
quando deixar que envolva-me
dos destemidos braços entre as

luzes deitadas ao majestoso regaço,
querubim. Peço nada, imploro tudo,
que hoje de teu ar imponente mais
que apenas o enternecido abraço
quero, que pedia nas
êxtases de outrora..

O coração espera..
porque sabe esperar,
sabe andar de vão em vão,
e quer estar, quem sabe um
dia, sentindo a mão em mão
e sabe, que só você tem esse ar.

Bernardo Szpilman

Bernardo começou a ler e escrever com assíduo prazer durante a pandemia, sobretudo a poesia. Gosta de cantarolar e fazer versos no violão e tenta conciliar a vida às aulas de balé. Encontra-se de súbito nas artes, vindo das exatas, morou um pouco no Rio, vem de Vitória.

INSTAGRAM

*Daniel B. de
Siqueira*

*Apresenta versos inéditos em formas
fixas variadas: 1 roundel
(não confundir com rondel francês);
1 quintilha, 1 quinteto e 1 triolet*

AH, QUE FARÁ O QUE CHORA?

Se os olhos já não fecham, sonolentos;
Se o corpo já cansado de dor treme;
Se a alma não encontra seus sustentos,
Ah, que fará o que chora?

Chafurda em pesadelos, e lá freme.
Como um saturno se demora em lentos ,
Pejados andamentos, tudo preme.

É noite ainda... (e esses tais tormentos
Se estenderão na alma do que geme
Sob a luz, alvo de acorbentamentos),
Ah, que fará o que chora?

SOMBRA

Uma sombra, de repente,
Cresceu e cobriu-me o peito,
E pensei não ter mais jeito.
Meu coração já não sente,
De toda luz eu suspeito.

CALORÃO DA PORRA

Ó dia calorento – e abafado! –,
Não sei mais o que faço pra fresco!
Estou todo suado, é tudo enfado.
É tudo esse desânimo safado.
Cansado estou: parado ou quando mexo.

O CONTRÁRIO SIAMENSE

Foi difícil mas aletrei-me:
Que o vencedor nem sempre vence.
Que o gelado por vezes queime:
Foi difícil mas aletrei-me.

O contradito, inda que teime
Liba o contrário siamense.
Foi difícil mas aletrei-me:
Que o vencedor nem sempre vence.

Daniel B. de Siqueira

Um pernambucano domiciliado em São Paulo.
Trabalha atualmente como professor na rede
pública paulista.

SITE

Edwaldo Camargo

Rodrigues

O poeta e professor de Peruíbe nos envia quatro sonetos de versos dodecassílabos e alexandrinos a ponto de recriar até mesmo a devoção parnasiana à sinérese.

NOÉ

Desperto, da embriaguez mal refeito e atordado ainda, o velho patriarca, envolto pelo manto que o altaneiro pudor lhe restitui, o espanto rasga-lhe o coração todavia. O adorado

filho de sua nudez rira-se debochado!

A infanda humilhação imposta por quem tanto amara é tão atroz que, sufocado em pranto, pede a si próprio a morte o pai desesperado.

Mas refaz-se, ora a Deus. E do dilúvio e da arca relembra: o leão soberbo, a mando do patriarca, tão dócil feito um gato, afável e obediente!

E, côm conscio da incumbência ingente que ora o espera, diz ao lembrar do filho e da amistosa fera:

“Devera ter salvado os bichos tão somente!”

JUNINAS

A moça toda ingênua ao moço encabulado
o riso mal contido ocultava inocente.

Fitavam-se de esgueira, entanto, e, certamente,
se-lhes via no olhar promessa de noivado.

Em torno da fogueira acesa no amplo eirado
da quadrilha girava a dança reverente.

Alumiava na altura a flama resplendente
dos fogos de artifício um céu abobadado.

Guri que eu fora então, que mágica alegria
galgar o pau de sebo aos gritos da torcida
e do cume alcançar o triplo pavilhão!

Foram tais no passado as festas, que a esta vida
de volta inda uma vez eu desfrutar queria,
dos santos que venero: Antônio, Pedro e João.

A CÔMODA

Tolas recordações, trastes acumulados no remoto período em que vivemos juntos, contrariando os pais (agora já defuntos), que a sonharam casada e de papéis passados.

Livros de anotações, bilhetes não sorteados, anéis de pechisbeque em meio a potes de untos para cabelos, rosto, e lá sei eu: de assuntos de mulher pouco entendo, e os dou por encerrados.

Em todo caso, a mente às vezes nos engana, permite vislumbrar qualquer afeto mesmo nos restos de um passado inglório, pouco importa

o acúmulo sem dó de mágoa crua e insana.

No entanto, a vasculhar, somente alcanço a esmo, do fundo da gaveta, uma barata morta.

CARPE DIEM

No bairro em que morei durante a mocidade,
havia uma alameda, umbrosa e sossegada.
De ilustres casarões decadentes ladeada,
zelava-lhes discreta a arcaica majestade.

Lembro, em particular, de um deles, com saudade:
Hierático e silente, a conspícua fachada
mal se entrevendo, oculta entre os nós de alfombrada
hera, outrora, talvez, fugaz prosperidade

lhe tivera preenchido em fausto os aposentos.
Ficava a imaginar as cenas, os momentos
felizes nos salões que rotas bambinelas

me impediam de olhar. Finados habitantes!
Viveram no solar a glória de uns instantes
qual gerânios que um dia ornaram-lhe as janelas.

Edwaldo Camargo

Rodrigues

Edwaldo Camargo Rodrigues, prosador e poeta com obras publicadas, graduou-se em Filosofia e Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Atualmente aposentado, lecionou em diversas escolas das redes pública e privada. Natural da Capital de São Paulo, reside há mais de trinta anos na cidade litorânea de Peruíbe, de cuja Academia de Letras é um dos cofundadores. Endereço eletrônico: thales.ecr@hotmail.com

Elisa Maria de Freitas

Dualchas (pronuncia-se Dulrés) é uma palavra do gaélico escocês que significa herança, tradição e sentimento de pertencimento ao se deparar com a paisagem escocesa e gerações passadas. Poema integrante da Antologia Para Sempre.

DUALCHAS

Oh! Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
Resseca minha boca, me deixa com sede.
O azul do teu céu tinge meus olhos e minha alma
com tão esplendorosa pureza!

Oh! Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
Toma-me a respiração e me deixa sôfrega.
Ergo as mãos lentamente para com as pontas dos dedos
contornar teus relevos de planaltos e planícies infinitas...
É tão lindo ver a urze que cobre os campos e encostas deste
teu corpo curvilíneo
arrepia-se ao toque do vento frio e incessante!
Ou seria pelo bafejar quente da minha respiração ofegante?

Oh Escócia tua beleza me põe de joelhos!
Emociona-me e inunda-me os olhos de lágrimas
que caem sobre teu solo
que ainda guarda o calor do sangue derramado de teus
ancestrais.
São elas que formam esses pequenos riachos que
serpenteiam teus vales
correndo até tornarem-se lagos remansosos?
Quero drená-los, Escócia, até matar a minha sede de ti.

Oh, Escócia! tua beleza me põe de joelhos!
E me deixa ávida!
Deslizo minhas mãos de encontro à relva
- aqui mais áspera e mais densa-
Fazendo-a correr entre meus dedos!

Novos picos, novos vales!
Quero escalá-la, quero explorá-la!
O que há nas fendas escuras que se formam entre teus montes?
Quero descobri-la, Escócia,
E cobri-la com meu amor até afundar-me na maciez da turfa
que recobre teus campos úmidos!

Oh, Escócia! Tua beleza me põe de joelhos!
O teu aroma inebria-me os sentidos
Tuas flores desabrocham diante de meus olhos embevecidos,
Deslumbra-me tuas cores!
Flor Escócia que me seduz com teu néctar,
Tornando-me inevitavelmente adicta do teu sabor!
Teus espinhos cravam-me o coração enchendo-o de dor e prazer,
Marcando-me e tornando-a indelevelmente dona de mim.

Quero prová-la,
Quero sorvê-la!
Deixe-me saber o gosto da tua seiva!
Beberei dela até embriagar-me!

Oh, Escócia tua beleza me põe de joelhos!
Enlouquece-me!
Alucina-me a mágica que esconde em tuas florestas!
Tuas densas árvores devolvem-me um olhar repleto de mistérios.
Sinto teu espírito vivo, vibrante, Escócia,
pulsando sob mim na terra molhada pela tua chuva
Que bate em minha pele como pequenas lanças,
Penetrando-me até o âmago
como se em busca da minha alma!

Possua-me, Escócia, imploro-te!
Deixarás que eu te possua?
Ah, Escócia, tua beleza me põe de joelhos!
O fogo da paixão que me toma,
me queima como as fogueiras que ardem
pela união dos Deuses no dia de Beltane.
Será que teus Deuses nos abençoam, Escócia?
Abençoam a nossa união?

Estou no alto, no pico e sigo subindo,
Voando alto e reto de encontro ao teu céu tão temperamental!
Ora Sol, ora chuva, ora neve, ora vento, ora paz!
Como posso neste momento, me sentir tão tua, Escócia, e ao
mesmo tempo,
Tão livre?
Abro meus braços, entregando-me a tua beleza exuberante.
Meu corpo brilha como as luzes da aurora
E explode em cores qual o arco-íris que rasga teu firmamento.
Deixo-me levar, abandonada pelo clímax que me acomete.
Espasmos de prazer convulsionam meu corpo por tudo que
absorveu de ti.

Oh! Escócia...
Tua beleza me pôs de joelhos!
Sinto-me drenada.
Languidamente enfraquecida, emocionalmente exaurida.
Deito-me inerte. Fecho meus olhos.
Mas sem ver-te, Escócia, a realidade me rouba de ti
E faz curvar-me em dor e agonia.

Possua-me, Escócia, imploro-te!
Deixarás que eu te possua?
Ah, Escócia, tua beleza me põe de joelhos!
O fogo da paixão que me toma,
me queima como as fogueiras que ardem
pela união dos Deuses no dia de Beltane.
Será que teus Deuses nos abençoam, Escócia?
Abençoam a nossa união?

Estou no alto, no pico e sigo subindo,
Voando alto e reto de encontro ao teu céu tão temperamental!
Ora Sol, ora chuva, ora neve, ora vento, ora paz!
Como posso neste momento, me sentir tão tua, Escócia, e ao
mesmo tempo,
Tão livre?
Abro meus braços, entregando-me a tua beleza exuberante.
Meu corpo brilha como as luzes da aurora
E explode em cores qual o arco-íris que rasga teu firmamento.
Deixo-me levar, abandonada pelo clímax que me acomete.
Espasmos de prazer convulsionam meu corpo por tudo que
absorveu de ti.

Oh! Escócia...
Tua beleza me pôs de joelhos!
Sinto-me drenada.
Languidamente enfraquecida, emocionalmente exaurida.
Deito-me inerte. Fecho meus olhos.
Mas sem ver-te, Escócia, a realidade me rouba de ti
E faz curvar-me em dor e agonia.

Oh! Escócia...

Tua beleza me pôs de joelhos.

Meu coração chora por ter que deixá-la

Mas sou forasteira e meu tempo aqui, finda.

Protesto, no entanto, que banharei meu rosto com orvalho de
todas as manhãs

que amanhecerei longe de ti,

na esperança de reencontrá-la, ao anoitecer, em meus sonhos,

até o dia em que voltarei.

Porque eu voltarei, Escócia!

Eu sempre voltarei por ti.

Elisa Maria de Freitas

Elisa Maria de Freitas é brasileira, natural do Rio de Janeiro. Nasceu em 26 de abril de 1969. Apaixonada por artes, sempre se interessou por todas as linguagens e expressões artísticas, mas as artes plásticas e literárias são sua verdadeira paixão. É graduanda em Licenciatura em Artes Visuais. Pintora de retratos a óleo, comercializa seus quadros via redes sociais. Aventura-se agora, a escrever seu primeiro romance.

[Instagram](#)

[Twitter](#)

Elvira Drummond

Contempla os leitores com sonetos sacros inéditos sendo os três primeiros decassílabos heroicos e o último em galope à beira mar (2a, 5a, 8a e 11a)

SONETO DA DÁDIVA

A ação de dar norteia o ministério
de tudo o que viveu o bom Jesus.
Doar a própria vida preso à Cruz
transcende o amor e a fé, guarda um mistério...

Eu louvo a Deus com lira e com saltério,
mas nem com mil cantares faço jus.
O verbo feito carne nos conduz
à vida plena, ao grande magistério...

Atravessando o tempo, reverbera
o amor que é tom, compasso, sã medida,
e faz brotar por dentro a primavera.

Doar é o grande ponto de partida...
É fatiar o tempo a quem espera,
e oferecer retalhos desta vida.

SORRISO DE PALHAÇO

O mestre do sorriso pinta a face –
em breve pisará no picadeiro...

Por mais que a tal tristeza atroz o abrace,
inventa audaz sorriso verdadeiro.

Apaga do semblante carcereiro
as mágoas que provocam desenlace.
E busca – feito agulha no palheiro –
o viço verde-musgo, verde-alface...

Sem sorriso amarelo, a criançada
com aplausos traduz ser encantada
pela cena bizarra e os bate-papos...

E o palhaço gargalha (por ofício),
o sorriso no rosto virou vício –
maquiagem do espírito, em farrapos...

É ELA...

É ela que saltita em todo sonho,
pulverizando estrela em cada olhar.
Por isso, vez em quando, é que me ponho
virada com as pernas para o ar!

É ela que transforma o que é tristonho,
fazendo cores vivas vicejar.
Os medos que me assombram eu transponho
com sua luz – qual raios de luar.

É ela que me enfia na cabeça
que o mundo, em lado inverso, é mais bonito,
que vale decompor e recompor...

É ela a me dizer que não esqueça
o olhar gentil perdido no infinito –
criança que palpita em mim, Senhor!

LUARES...

A lua vestida com trajes de prata
abraça poetas com braços de luz...
Canções e versinhos vibrantes compus
(devolvo a atenção com vivaz serenata).

A lua minguante salpica na mata
um brilho discreto – visão que me induz
a ver, na janela da sombra, Jesus
que rompe a penumbra com paz que arreбата...

Nos ciclos, a lua demarca e reparte
percurso refeito com brilho e com arte.
A mão divinal que maneja o pincel

repõe os matizes e segue fiel...
Copio da lua a sublime lição:
no escuro da vida, refaço o clarão!

Elvira Drummond

Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia e crônicas.

Gilliard Santos

O jovem autor nos presenteia com sonetos premiados cujas notas seguem após os textos

ASSEMBLEIA

Chegando ali, após tomar assento,
O grupo emudeceu por um instante;
Mas logo todo mundo, radiante,
Queria defender seu argumento.

Um deles disse: vejam! Um jumento!
Depois veio um coelho, um elefante,
Um jacaré e um pássaro gigante
Movendo-se, levado pelo vento.

Verificaram outros animais,
Bem como alguns objetos irreais
Voando devagar, ao longe... ao léu.

A criançada, assim, fazendo alarde,
Sentada na calçada, em fim de tarde,
Interpretava as nuvens lá do céu.

Soneto premiado em 1º lugar no XXIXº
Concurso de Poesia Augusto dos Anjos – 2020.

REFÚGIO

Sentado sob a sombra da mangueira,
Reflito sobre os dias turbulentos...
Observo à minha volta os elementos
E assim posso passar a tarde inteira.

No parque, neste banco de madeira,
Escuto os passos lépidos dos ventos
E em minha mente pousam pensamentos
Tais como as borboletas na roseira.

Eu fico distraído, tão distante...
Pensando sobre tudo e nesse instante
Em meio à natureza, encontro paz.

Ao passo que o sol pende no poente
Eu sinto a placidez deste ambiente
E o resto, por enquanto, tanto faz!

Soneto classificado em 6° lugar no Concurso Nacional de
Sonetos do Festival Semente Literária, promovido pela
Academia Cariaciquense de Letras (ACL) em 2021

O DERRADEIRO TREM

Após seguir os passos desta vida
Da forma mais intensa e verdadeira,
Estou aqui sentado na cadeira,
Pertinho de encerrar a longa lida.

Estou tranquilo, em tom de despedida:
Virá buscar-me a dama forasteira.
Lutei durante a minha vida inteira
E sinto que a missão está cumprida.

Em todo o tempo tive ativa fala,
Porém a morte irá silenciá-la!
Enxergo já sinais de que ela vem...

Estou parado, apenas a esperá-la;
Serenamente aguardo nesta sala
Para partir no derradeiro trem.

Soneto premiado com medalha de menção honrosa no 11º
Festival de Sonetos “Chave de Ouro” – 2021.

POETA MORIBUNDO

Nas úlceras, nas pústulas salientes...
A sina incontestável se traduz.
O sangue malcheiroso e o denso pus
Escorrem em fatídicas torrentes.

Acostumado aos cânceres frequentes
E vendo sobre si a espada e a cruz,
Procura a inspiração à qual faz jus
Em face dos martírios recorrentes.

Ao despejar de forma tão direta
O seu bernal de atroz sinceridade,
Provoca a rejeição mais irrequieta.

Tentando dar vestígios de verdade
O moribundo, anêmico poeta,
Registra a nua e crua realidade.

Soneto finalista no XXXº Concurso de
Poesia Augusto dos Anjos – 2021.

Gilliard Santos

Gilliard Santos nasceu em 1988 e viveu toda sua infância e juventude no sertão de Madalena-CE. Atualmente é professor, mestre em Administração & Controladoria, e mora em Fortaleza. Tem dois livros publicados e uma produção poética variada, que vai do poetriz ao cordel e do verso livre ao soneto.

[INSTAGRAM](#) [SITE](#)

Guilherme Vaz

Escrita em 2012 por Klaus Sgroi ao estilo trovadoresco, a cantiga cita localidades como Taiwan (Formosa) e Pelouro (Salvador)

GRAN FAROL DE CASTELLA

Gran Farol de Castella

Viste minh'amiga ou aura dela ?

E eu, agora, que faço eu ?

Gran Farol de Formosa

Conheces tu la mi'amorosa ?

E eu, agora, que faço eu ?

Gran Farol de Macau

Avista la mia em perdida nau !

E eu, agora, que faço eu ?

Gran Farol do Pelouro

Acha'quela valente mais qu'ouro !

E eu, agora, que faço eu ?

Gran Farol de Goa, ó Gran Farol de Goa

Morre a mim sem la perla boa !

E eu, agora, que faço eu ?

Jerson Brito

Os quatro sonetos decassílabos heroicos foram originalmente publicados no Recanto das Letras.

PORCELANAS

Vivemos nosso conto ao arrepio
De convenções antigas, puritanas,
Levados pelas fábulas mundanas
Às garras do faminto desvario.

Desesperadas bocas têm, ciganas,
Os pratos de um banquete fugidio
E engolem, neste falso senhorio,
Manjares, deslizando em porcelanas.

Olhamos ao redor as rachaduras
Crescerem nas paredes destes mundos
Erguidos sobre bases quebradiças.

Mais uma vez seguimos, às escuras,
Roteiros diferentes, mas fecundos
Em solidão, carências e cobiças.

O FOTOGRAMA

Deitado nos destroços, prepondera
O rastro de desgosto transformado
Nas passageiras luzes da sincera
Saudade, lenitivo festejado.

Abrigo nas entranhas da quimera
Aquele fotograma desbotado
Porque matiza minha primavera
A genial parceira deste fado.

As cores alimentam a porfia,
Enfeitam ilusões do mendicante
Que trilhas perigosas desafia.

Emerges da penumbra sufocante,
Trazida pela súplica tardia
Do sonhador, contrito caminhante.

ALÉM DO GLÁDIO

Nas lutas, vencedores e vencidos
Somente se conhece no final,
Depois de demonstrados, aferidos,
Dos combatentes, ânimo e arsenal.

Não raro, a pompa deixa convencidos
Alguns que desmerecem o rival
E inflama corações fortalecidos
Na direção da glória, um pedestal.

Se tem reviravoltas o processo
Que leva às maravilhas do sucesso
Ninguém jamais consegue antecipar.

A vida, certamente um grande estádio,
Premia quem revela, além do gládio,
A fibra, não importa o patamar.

PÁLIDAS QUIMERAS

Pretendo me livrar da companhia
Daquele tempo alegre e meu empenho
Encontra a resistência do ferrenho
Apego à convincente gritaria.

Perante o estardalhaço me detenho,
Escuto apelos quando a cama fria
Transforma-se outra vez na moradia
De cenas retratadas com engenho.

Traceja olhares tontos de ternura,
Sorrisos rutilantes à procura
De abrigo nos afetos meu pincel.

O sonho que se alastra no deserto
Empalidece aos poucos e desperto
Deitado nos resquícios do vergel.

Jerson Brito

Jerson Lima de Brito é natural de Porto Velho/RO, onde reside. Graduado em Administração e Direito, é servidor público. Ocupa a Cadeira nº 4 na Academia Brasileira de Sonetistas (Abrasso), integra o Fórum do Soneto e é Delegado da União Brasileira de Trovadores (UBT) em Porto Velho. E-mail: jersonbrito.pvh@gmail.com

[SITE](#)

José Eduardo

Angelini Milani

O longo poema em versos livres de amor foi publicado originalmente no livro "Via Palavra 6" - Antologia do Espaço Literário "Nelly Rocha Galassi" da cidade de Americana-SP no ano de 2002

ÚLTIMO POEMA

A ti, minha bela, que amei constante
Mais que o próprio céu possa entender
Deixo-te – pois te faz jus receber –
Este meu último delírio cantante
Não mais que um singelo poema sincero
Mas feito com arte, donaire e esmero.

Ó tu, que entre as quatro faces de Diana,
Toda noite via, com chagas no peito
Tendo-me aos olhos delírio perfeito
Fruto do cor, à luz da Lua leviana:
Via-te a face no brilho das estrelas
Quando a aurora vinha de mim retê-las.

Mas tua alma era própria da supernova:
Luz cativante, mas intermitente
Tal és tu: maravilha inconsequente,
Dor que a cada olhar fere e se renova,
Espalto borrado ao léu sobre a fina
Tela de quem por ti arde e desatina.

Mais que palavras, cara amada, mais;
Não pensas que verzejador qualquer
Possa ser aquele que bem te quer,
Não minto a ti por vaidade, jamais!
Sei que tua beleza é por si inarrável,
Quero, tolo que sou, ser-te agradável.

Mesmo derradeira, vejo uma lágrima
Talvez seja por tu não me amares,
Embora não sintas mais por teus ares,
Mesmo afã, real ânsia, mesma lástima,
Talvez por simples saudade de ti
Que mal ganhei, tão logo já perdi.

Quem irá saber por que Deus criou
O amor unido às veras da recusa?
Que a morte por si faz-se uma escusa?
Isso eu sei, desde que me contagiou
Com tal sórdido sentimento altivo,
Bela a tua face alva e seu brilho vivo.

Mas tal amor é água do passado
Por quem – não escondo – posso ter sede,
Mas que não jogo mais nenhuma rede
Pois já sou farto de ser tão frustrado,
Somente és agora tão-só lembrança,
Doce, amarga, vendaval ou bonança.

Quero que saibas que não sou cativo
Da dor que outrora amiúde requeria
Do tal "Amor", horrenda idolatria,
Sou, embora incauto, um poema vivo
Cujos versos entoam em branda escrita
A arte tersa de uma alma proscrita.

Mas não deixo de cantar tua beleza
Que sabe o mundo não houve outra maior
Testemunha disso, eis meu próprio cor
Que bate mais fraco, com incerteza,
Por perder do jardim a flor querida
Fazendo triste a estação mais florida

Bela, meu Deus, a mais bela das formas!
Que bem sabeis, não criastes outra igual
Rosa mais rubra, jóia de luz maior,
Frente em sua imanência são todas mortas
Ah, Deus, se por bem pudesse eu tê-la
Meus olhos luziriam mais que uma estrela.

Mas aprendi a respeitar quem não me ama,
Tolerar quem, por arte, me reprova
A não fazer da cama uma cova
Mas talvez, sem ti, da cova uma cama
Oh, céus, se me deitei entre outros seios
Foi tão-só p'ra esquecer meus devaneios!

Só o desatino quando da amargura
E quem é apto a controlar seus desejos?
Se dor, recusa, vaidade, são ensejos
A nos enviarem em voraz loucura?
Agora cesso de chorar lamentos
Pois remissão e pena são meus intentos.

Mas por que hei de te dever perdão?
Se até um toque me recusavas,
Um diálogo apenas não toleravas,
Se me vias na face devassidão?
Assim como o diabo ora nos seduz
Oh, amada, foste a mim uma cruz!

Oh, mulher, destes ventos não caem rosas
E lágrimas não trazem humildade,
Buscamos apenas felicidade,
Mas tu somente é que dela ora gozas,
Vejo outrem adular-te a face bela:
Eis a sorte que o mundo me revela!

Dou graças por leres este poema
Ao invés de pores flores a mi'a cova,
Pois tal seria se o amor tirasse prova:
Sendo a mim a vida um problema,
Qual solução para o fim deste inferno
Senão clamar p'ra breve o leito eterno?

Mas eis que urge pôr fim a estes versos
Que como a vida, hão de ser mui breves
Caso em consideração não os leves
Mas a mim, que te amo, serão eternos
Como o vento, a chuva, o pranto, a dor..
Enfim, como dádiva, como amor.

José Eduardo

Angelini Milani

Bacharel em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos. Em 2005 dirigiu o curta metragem "Recortes" como trabalho de conclusão de curso. O curta, captado e finalizado em película 16mm, ganhou o Kikito de Prêmio Especial do Júri no 34º Festival de Cinema de Gramado, em 2006. Fotógrafo profissional e videomaker, tem passagens por diversas agências de publicidade na área de web e multimídias. É também autor de roteiros audiovisuais, peças teatrais, poemas e textos diversos de ficção.

[INSTAGRAM](#)

[SITE](#)

Lucas Munhoz

Quatro sonetos ao estilo "Augusto dos Anjos" sendo 1 hendecassílabo galope à beira mar e 3 decassílabos. sendo um deles pentâmetro iâmbico. Os quatro textos do autor convidado estão em sua página no Recanto das Letras

MEU SOFRER AMORTALHADO

Plangi-me pungente à mortalha funérea,
Lamento no ser purulento do horror...
Que em lodo voraz e carniça, eis a dor!
Atiça-me omissos que sofro a matéria!...

Que as larvas me cevam na mórbida artéria...
Borrifo-as até lacrimar com palor,
- Pudestes comer-me veemente ao fedor
Enquanto me ansiastes em tez deletéria.

Adoro o sepulcro, o caixão e a poesia,
Havias de ver tristemente deveras
Com a erma lamúria e o terror da harmonia.

Berraste-me... Fui decomposto sem peito,
Visagens e odores, por isso que esperas!
Viscéreo, sofrido... Eis-me sujo no leito.

SONHOS FÚNEBRES

Haurindo à hórrida ambiência dos teus sonhos,
Agrupa-a, sonha-a, emite-a, olha-a, pertence-a!...

Só a morbidez violenta da dolência,
- Hás de sofrer uns males mais medonhos.

- Também hás de afastá-los mais risonhos;
Geme!... Em que a bicharia é uma atra ardência
Dentro da pentagrama à ambivalência
Duns sonhos góticos e até tristonhos.

Sim, pois dizes que eu sinto fortemente,
Eu me acho ignoto à solidão silente,
Imaculadamente lacrimoso.

Eu, ténue à satiríase em lascívia,
Então é este rancor revel, revive-a;
- Brada-o ao facho horroroso e vil do gozo!...

À NOITE DO CEMITÉRIO

Soneto em pentâmetro iâmbico

A morte encanta e canta meu porvir...
Além da dor que eu sinto os ascos gostos,
Verá a nova fase e irás convir
Com novo estilo e sem alguns desgostos.

Por isso nunca posso até sorrir,
Enquanto alegrias como o amor dos postos,
Eu morro! Juras tudo e tentas rir?!
Estou na cova ao léu em véus dispostos...

Adeus, querida treva... Oh doce peito!
Ninguém assiste ao enterro vil e triste
Quem choras sem amor eterno e eleito.

Mas sente o belo mal de um jovem vate
Quem amas tanto e vês que a dor existe,
Serei sangrento para ti no embate.

AMOR MÍSTICO

Solene, a suavizar os seus desejos...
Perene, que é um amor... Se eu sinto casto...
Que fulgure o meu peito sem arrasto,
Tem respeito, com ténue azo e sem pejos.

Que murche o sofrimento sem lampejos,
Eu, um poeta ciumento, amado e vasto;
Quem te ama mutuamente num bom rasto...
Realmente, não possuo uns malfazejos.

Eis que me ama, querida, não me esquece...
Embora eu te encha de ébria e erma emoção
Devido à ausência, que erro... Mas sem prece!...

Como meu anjo incólume do amor
Que eu ainda me apaixono em vastidão,
Luzidia e divina entre o valor.

Lucas Munhoz

Sou Lucas Munhoz, 1990 de 12 do abril, eu venho sendo um vivente de influência simbolista e ultrarromântica, eu admiro Renan Tempest atualmente, sou solteiro novamente, amo o Corvo.

SITE

Lucrecia Welter Ribeiro

Os poemas narrativos sobre mitologia greco-romana são parte da obra "Mito e Poesia - Mitologia com Rima de Poesia", escrita em 2006

AFRODITE

(Vênus)

Tu, espuma de prata
Enquanto hóspede
Da concha marinha
De madrepérola

Vogaste a Chipre
Ao sabor de Zéfiro:
Um dos oito ventos
Em nada aspérulo

Da espuma da concha
Despertaste deusa:
Afrodite... Vênus...
Iemanjá...

Na ilha, te confiaram
Às Horas... às Graças
Que - sei - te criaram
Tão boa e tão má...

Da caverna das musas
À mansão dos deuses
Tu, em carro puxado
Por duas pombas
Tua graça e beleza
Ofuscavam as artes
Enciumavam as deusas
Cercadas de pompas

Fita bordada
Cinge o teu peito
Onde residem
Todos encantos
Teu cinto mágico
Inspira o amor
A lira de Apolo:
Tua dança, teu canto

Na maçã dourada
Lê-se: “a mais bela”
Por Páris, a mais justa
A premiada

Causa e apoio
À Guerra de Tróia:
Porque Helena de Esparta
Fora raptada...

A Ilíada de Homero
A vê como filha
De Dione e Zeus
Imortais do Olimpo
Amante de Ares
O deus da guerra
E do filho Eros
O Amor, o cupido

Zeus fez tua união
Com o deus do fogo
Hefesto - o coxo
Casou contrariado

Ele armou uma rede
De ouro invisível
Te prendeu com Marte
Em amor, em pecado

Grega Afrodite...
Vênus romana...
Afro sereia -
Rainha lemanjá...

Tu és doce, afável
Com os que amas
Irascível com quem
Não te quer cultuar

Mãe dos amores...
Dos jogos, do riso...
Dos mortais e deuses
Da mitologia mor
Da fertilidade
Tu és divindade...
Deusa da beleza
E deusa do amor!

APOLO (Febo)

Teu cabelo são raios de luz que fascina
És deus benfazejo da luz, deus da poesia
Da música, da verdade e da profecia
Ideal grego - da beleza masculina

Arqueiro-mestre... notável corredor
Deus da juventude e deus dos esportes
Protetor especial dos rapazes... sorte:
Dos Jogos Olímpicos, o 1º vencedor

És puro e justo, filho de Zeus e Leto
Assistes o doente e ensinas a arte da cura
És deus da caça, do gado, da agricultura
Senhor de todos Oráculos, incluso Delfos

Por cavalos, é puxado, o teu carro de fogo
Velocíssimos: Aêton, Éoo, Flêgon e Piroís
Agregados às chamas e luz, os quatro varonis
Do Oriente ao Ocidente, voam o céu todo

Após teu banho no Oceano, nas noites
E do revigorar as forças dos teus cavalos
No teu carro que serve de nau - Febo (Apolo)
Ou em taça dourada, regressas ao oriente

Tua irmã Selene (deusa da Lua) dorme no céu
Enquanto Eos (deusa da Alvorada) - outra irmã
Repete o ciclo: começa novo cortejo da manhã
Seguida sempre pelo astro rei Helios, deus Sol

Tua irmã gêmea Ártemis, das virgens, é guardiã
E tu, Apolo, com Urano, inventaste o pastoreio
A fundição e a música que fascina, que meneia
Criar novas cidades e justas leis é teu nobre afã

Junto a Eros e Afrodite, divindades do Amor
Tu, deus das musas - que dançam em harmonia
Que cantam, aos deuses do Olimpo, melodias
Ao som de tua lira, com total graça e fulgor

Tu lanças os Jogos Pithios pra comemorar
O fato de matares a serpente Pitho, tão temida
Em competições de força, velocidade ou corrida
Uma coroa de louro ao vencedor, para o gloriar

O inventor da gaita - Pan - te desafia
À competição musical e pede que adiras
À proposta de tocares somente tua lira
Da qual tu és o deus, tu és o potencial

O juiz é um deus das belas montanhas
Pan toca notas de simplicidade rústica
Agrada a todos - especialmente a Midas
Seu seguidor e aliado de todas façanhas

O deus juiz vira-se, em êxtase, encantado
Para o deus do Sol... Vê as árvores, admira
Todas viram-se também para a música da lira
Que é tão bela! Apolo! Vencedor gloriado!

Todos concordam... só Midas que não
Apolo, por isso lhe põe orelhas de asno
Midas as esconde no turbante. Pasma,
O seu cabeleireiro conta o segredo pro chão

Cava um buraco no solo... e lá dentro
Cochicha o acontecido... e depois o cobre
Mas, ali nasce moita basta de juncos nobres
Que se põe a sussurrar a estória solta ao vento

Divindade mitológica greco-romana
Deus do pensamento e da meditação
Por ser tão belo, te atribuem atração
A amorosas aventuras que inflamam

Alguns contos retratam-te cruel, severo
Até porque raptas e possuis a jovem Creusa
Depois tu abandonas a ateniense, bela princesa
Junto com o filho que, da união dos dois, nascera

Caçoaste do deus do Amor que, por vingança,
Lança uma flecha. Fere o coração, fere teu peito
Outra contra Dafne, filha de Pineus, por despeito
Ela é teu primeiro amor e a tua doce esperança

A filha do deus Rio costuma andar pela floresta
Tu te propões a alcançá-la – estás apaixonado
Ela não quer casar-se, sai voando, está cansada
A força lhe falta. Insistir... é o que te resta

Prestes a cair ao chão, Dafne pede ajuda ao pai
Quando estás por alçá-la, ela se torna pé de louro
E por amá-la muito, tu não contém teu choro
Mas ela já havia partido, sem retornar jamais

Divindade mitológica greco-romana
Deus do pensamento e da meditação
Por ser tão belo, te atribuem atração
A amorosas aventuras que inflamam

Alguns contos retratam-te cruel, severo
Até porque raptas e possuis a jovem Creusa
Depois tu abandonas a ateniense, bela princesa
Junto com o filho que, da união dos dois, nascera

Caçoaste do deus do Amor que, por vingança,
Lança uma flecha. Fere o coração, fere teu peito
Outra contra Dafne, filha de Pineus, por despeito
Ela é teu primeiro amor e a tua doce esperança

A filha do deus Rio costuma andar pela floresta
Tu te propões a alcançá-la – estás apaixonado
Ela não quer casar-se, sai voando, está cansada
A força lhe falta. Insistir... é o que te resta

Prestes a cair ao chão, Dafne pede ajuda ao pai
Quando estás por alçá-la, ela se torna pé de louro
E por amá-la muito, tu não contém teu choro
Mas ela já havia partido, sem retornar jamais

Para reverenciá-la, tu decidiste que as coroas
Que consagram os vencedores dos Jogos Pithios
Serão todas tecidas de galhos de louro, no feitio
Que lembram teu primo amor, cujo apogeu destoa.

HÉRACLES (HÉRCULES)

Disfarçado de Anfitrião, general de Tebas
Zeus seduziu a esposa dele, a doce Alcmena
Que deu à luz o maior herói grego, Héracles
Personagem de uma história nada pequena

Isso ocorreu enquanto Anfitrião viajava
Pra vingar a morte de seus oito irmãos
Zeus, querendo que a noite durasse três,
Pediui que o tempo andasse em lentidão

No retorno, Anfitrião soube do ocorrido
Ficou tão raivoso que preparou uma pira
Teria queimado Alcmena viva, se Zeus
Não afogasse o fogo com nuvens, tal ira!

Zeus forçou Anfitrião a aceitar a situação
Dizendo que a esposa não o havia traído
Grávida de Zeus e também de seu marido
Daria à luz Íflico e Héracles, meio irmãos

Nove meses mais tarde, Zeus se orgulhava
Do herói, seu filho, que nasceria nesse dia
Seria o protetor dos homens e dos deuses
Héracles, que a casa de Perseu, governaria

Hera ficou furiosa até porque esse nome
Significa "*Glória de Hera.*" Ela foi à Micenas
Apressou a nascença do primo de Héracles
Pois o nascido nesse dia seria o rei em cena

Sentou-se à porta de Alcmena e enfeitiçou-a
Pra que ela não desse à luz até outro dia, sei
E Zeus não podia voltar atrás com a palavra
Euristeu, em vez de Héracles, tornou-se rei

Alcmena vendo-se no meio da briga, tremeu
Abandonou o bebê fora de Tebas - Micenas
Zeus quis que Hera amamentasse o seu filho
Sem saber como fazer, pediu ajuda à Atena

Que disse: *“Que criança forte! Sua mãe é louca!
Largou-a.. Hera, estás amamentando, dá-lhe teu leite”*
Héracles mordeu o seio. Hera o jogou longe
E o leite esguichado formou a Via Láctea...

Mais tarde, Atena devolveu o bebê pra mãe
Hera concordou que Héracles fosse um deus
Só asseguraria a sua imortalidade se fizesse
Trabalhos a mando do rei de Argos, Euristeu

Ano seguinte, Hera mandou duas serpentes
Das escamas azuis e dos olhos flamejantes
Para que enfiassem suas presas envenenadas
Na criança e, sem dó, a matasse num instante

De manhã, Alcmena viu Héracles sentado
Balbuciava seu prazer pois brincava então
Pendurara as duas serpentes em seu berço
Já as tinha estrangulado só com suas mãos

Cresceu ereto. Media três metros de altura
Com força descomunal, de Zeus, certa
Amava refletir, correr sob estrelas e lutar
Sua arma era uma maça cortada da oliveira

Especialista tanto no arco como na javalina
Libertou Prometeu do gavião em rocha alta
Que todo dia lhe devorava pedaços do fígado
Buscou o Velocino de Ouro - com Argonautas

Saiu dizendo que criaria um Oráculo melhor
Por conta própria. Mas, Apolo tentou detê-lo
Houve violenta discussão que só foi resolvida
Quando Zeus mandou o relâmpago sustê-los

Héracles deu cinqüenta filhos ao rei Thespius
Numa noite, engravidou quarenta e nove moças
Foi quem criou e divulgou os Jogos Olímpicos
Venceu todas as provas desafiadoras, pela força

Famoso por seus doze trabalhos bem feitos
E por figurar na pungente Guerra de Tróia
De morte trágica, ao lado da esposa Dejanira
No Olimpo, casou com Hebe, diz a história.

HÉRACLES E SEUS DOZE TRABALHOS

Héracles, como penitência, pelos pecados
De ter matado seus filhos e esposa Mégara
Prostrou-se ante os conselhos de Euristeu
Só matou, por estar sob o encanto de Hera

Euristeu, o sábio rei de Argos de Micenas
Ordenou-lhe doze trabalhos impossíveis
Os seis primeiros seriam no Peloponeso
E, na orla grega, os demais, mais temíveis

Durante os trabalhos, ele foi perseguido
Pelo ódio e ciúmes que partiam de Hera
Por ser filho de Zeus, de um caso de amor
Mas, viu na deusa Atena, a sua defensora

Também desfrutou da ocasional ajuda
E da companhia de seu sobrinho, Iolau
Conseguiu dar conta dos doze trabalhos
Como recompensa, foi tornado imortal

Exterminou o Leão com enforcamento
Em Neméia, que, pra cidade, era pânico
Matou a cobra aquática Hidra de Lerna
De nove cabeças, o flagelo dos pântanos

Capturou vivo o feroz javali de Erimanto
Batalhou pra prender a corsa de Cerinéia
Dos pés de bronze e dos chifres dourados
Que era sacra à deusa Ártemis, sacra idéia

Matou, só com suas flechas envenenadas
Os pássaros carnívoros do Lago Estínfale
Que, sacros a Ares, comiam os homens
Fazendo flechas de suas penas de ferro

Limpou os estábulos dos três mil bois
Do rei Áugidas que desde há trinta anos
Não lavava o local. Para isso, este herói
Desviou os rios Alfeu e Peneu: seu plano

Prendeu o selvagem touro branco de Creta
Pelos chifres. Levou-o até Hélade e o soltou
Capturou cavalos carnívoros de Diomedes
O rei da Trácia e, ao rei Euristeu, os levou

Trouxe o cinturão da rainha das amazonas
Hipólita – para a filha de Euristeu, Admete
Hera incitou as amazonas que guerrearam
Temendo que Héracles, a rainha, raptasse

Guiou três bois do gigante de três cabeças
De nome Gerião, desde o oeste até a Grécia
Com um chute, abriu o Estreito de Gibraltar
Alargou-o com os ombros... com perspicácia

Colheu as maçãs de ouro das Hespérides
Que tornavam, quem as provava, imortal
Atlas, pai das Hespérides ajudou enquanto
Héracles o substituíria... sustentando os céus

Desceu ao inferno e trouxe o cão Cérbero
O Rei Euristeu se assustou de forma tal
Que Héracles teve que levá-lo de volta
Zeus lhe deu então toda uma vida imortal.

Lucrecia Welter Ribeiro

Nasceu em Toledo-PR (1953), formação superior; Presidente da Associação das Academias de Letras, Ciências e Artes do Paraná - Alca; Presidente da Academia de Letras de Toledo (cadeira 17), membro do Clube da Poesia; coordenadora do Grêmio Haicai Sakura; Delegada da UBT em Toledo-PR; Coordenadora Geral da Revista Philos; membro correspondente da Acebra (cadeira 05); membro da Febacla (cadeira internacional nº 196); poeta multipremiada em concursos literários. Tem livros publicados

*Nestório da
Santa Cruz*

Nos sonetos escolhidos do poeta convidado, ora prevalecem traços do arcadismo, ora prevalecem os do romantismo. Essa escolha, no geral, forma uma interessante harmonia do arcadismo e do romantismo: os cenários tornam-se mais sombrios; e o caráter sentimental, mais contido.

NAQUELA TARDE EM QUE TE VI GLORIOSA

Naquela tarde em que te vi Gloriosa,
Enquanto vinhas com teu rosto lindo;
Me parecia o mundo estar sorrindo
A suspirar perfumes de uma rosa.

Flor entre as flores! Sempre a mais formosa!
E a cada passo eu te seguia, e, indo...
Meu coração era um palácio infindo
Pra receber-te, ó Virgem Caridosa!

A tua voz ecoando pelo vento
Eram cristais no canto da Andorinha
Ferindo as cordas do meu sentimento.

Eis que minh'alma sempre tão sozinha
Guardou pra sempre a luz desse momento!
Riqueza única da pobrezinha...

Jundiaí,
26-04-2022

NUM CERIMONIAL

Deitada sob o véu da noite escura,
Jazia o seu semblante imaculado.
Seu corpo pelas flores enfeitado,
Luzia como um vaso de ternura.

As mãos - pequenas luvas de ossatura -,
Postadas sobre o peito lado a lado;
O seu olhar divino, mas cerrado
Dizia estar rezando na clausura.

A parentela em volta do caixão,
Seguiu ao extremo fim da cremação,
Mas esqueceu da morta o columbário.

...Luana se tremendo consternada,
Pensou que, então, seria sepultada
Co's vermes aviltantes dum ossário;

16 de Agosto de 2013

FANADA CRUZ

*"E tu passaste, indiferente, e foste embora sem saber."
(Alceu Wamosy)*

Ecoa o cemitério qualquer canto,
E junto, vaga triste o meu penar.
Perpassam murchas flores, orvalhando
Perfumes ao meu negro caminhar...

Afogo-me nos véus de um largo pranto;
- Só eu e a Lua pr'a me acompanhar -
Abraço a minha sombra, e sem espanto
Repouso sobre a pedra tumular.

Cercado por retratos parecidos
Daqueles que se encontram falecidos,
Começo a ler os nomes com respeito;

E todos eles têm singela estrela...
- A Vida de um defunto é sempre bela -
Mas eu só tenho a "cruz" dentro do peito.

A PRIMAVERA DE HELENA

Na Primavera a vi colhendo as flores,
Serena e perfumada... num vestido
Tão negro - como a rosa dos amores -
... Meu seio estava alegre, mas partido.

No dia anterior havia lido
Nas folhas dum jornal de gris clamores:
"Tragédia! Um doutor de tom polido
Levou Helena à morte, meus Senhores!

Aquela frase, então, eu repetia,
Enquanto a "morta Helena" eu mesmo via...
- Não sei se estava bem... se delirava -;

Helena estava linda sob as flores,
Bebendo o negro orvalho dos amores
Da rosa que meu peito derramava.

Nestório da Santa Cruz

Nestório da Santa Cruz (Pseudônimo de Raphael Dalle Vedove) é natural da cidade de São Paulo, nascido em 1985, atualmente reside em Jundiaí e é acadêmico de Direito. Faz parte dos grupos "Lira dos Poetas" e "Sociedade das Cinzas", pois como Espírita, tem certeza que alguns encontros são reencontros e no caso dos poetas, são devedores e cantores do belo.

INSTAGRAM

Olivaldo Júnior

O soneto inédito em decassílabos trata justamente de um eu lírico retrô. Certamente, uma justa homenagem a todos os autores.

O FIDALGO QUE EU FUI EM OUTRA VIDA

Quando fico a pensar sobre mim mesmo, acho a linha espectral, que eu cri perdida, a do tempo, a que eu sempre quis a esmo, visto as roupas que eu tinha e volto à lida!

Pouco importa eu esteja no presente, o fidalgo que eu fui em outra vida vive como se eu fosse o seu parente, eu, que nunca aceitei a despedida!

Janta, almoça e se serve como um lorde, todo austero, em seus trajes de cetim, sem que eu dele, coitado, me recorde...

Valsa e, aos beijos, com todas, no jardim, antes que eu, seu parceiro, logo acorde, jura enfim que é fidalgo e eu sou assim.

Olivaldo Júnior

Nasceu em Aguaí, São Paulo, vizinha à cidade em que mora, Mogi Guaçu. Com o apoio dos pais, desde menino, consumia música e literatura. Formou-se em Radialismo de Locução pelo SENAC - São Paulo em 2006 e em Letras, com Habilitação em Português e Inglês pela FIMI - Faculdades Integradas Maria Imaculada, em 2010. Poeta, escritor e músico popular, trabalha como Oficial Administrativo Júnior na FEG.
E-mail: olivaldo.junior@outlook.com

Pero Guimarães

O quarto texto do sr. Klaus Sgroi sob este heterônimo mais uma vez se ambienta no século XIV (1304) em estilo de cantiga medieval de voz lírica feminina lamentando o marido que obteve.

PER ESVAI-TE, AMADO MO?

Por ce mai de quosa
 Avaro homen a mi dado
 Nui foi tan triste
 Nem poi que malamado

Inda trembo, lembrar das'angústias
 Inda prejo per que a mi dado
 Non quero pelumbra
 Tampouco avacado

Hay que dia se esvai
 No dia, enton, deserei
 Per tu, mo amado,
 De mi sempre-fo rey.

Per Esvai-te, Amado Mo? = Por Que Se Esvai, Amado Meu?

trembo = tremo

prejo per que a mi dado: me pergunto por que a mim

dado pelumbra: algo ruim, coisa indesejada

avacado: homem descansado, acomodado

verbo desar: partir, ir, mudar-se

Poeta Lendário

Além do organizador, trata-se do único poeta presente na edição de 2009. Em seu estilo rebuscado, refinado e resplandente, apresenta o primeiro soneto em alexandrinos e os demais em decassílabos heroicos sendo todos inéditos e fortemente inspirados no Simbolismo.

SANCTUM HYMNUM

O verbo proclamado em nome do mancebo
Sacerdote e orador d'escrito sacrossanto
Entoadado através de um uníssono canto
Em louvor e oração o santo hino percebo.

A óptica de ilusão reflete o estro placebo
Cuja ótica a alusão refracta-se em um pranto;
Realmente a verdade a revela, contanto
Que nada se rebela a tudo o que concebo.

Líricos são o lírio e a lira ao bello bardo:
Sol, o sino sinistro a balada badala
De acordo com o acorde em um grave galhardo.

Mantém a melodia o mantra da mandala
E o manto em mente, guardo-o em belo par – o aguardo.
Prima à obra ímpar: primo à arte e havê-la-á-de a mandá-la.

ACORDE APOTEÓTICO...

O acorde, acorde-o! Acorde-o, o acorde! O acorde-o!
Dos líricos dos lírios despertais
Formas formosas, belas e ideais
Deveras primorosos do primórdio...

O exuberante escrito deste exórdio
Introduz o interlúdio que ordenais
A arte e os mais memoráveis musicais
Cuja regência crie o astro e recorde-o...

Quando quereis cantar um belo cântico,
Buscareis o belíssimo e canônico
Distante do terror e horror caótico...

As trevas trazem o homem mais harmônico
Que restitui do tétrico romântico
O anátema do acorde apoteótico...

OS SONS DO SILÊNCIO...

São pesadelos tétricos de susto
Os sonhos os quais surgem pelas trevas
Nos somnos plenilúnios que te elevas
De horror e de terror porque és injusto!

Devaneios oníricos de liras
Os espíritos vagam pelas sombras
E os phanthasmas os quais tanto te assombras
São através da insomnia em que deliras!

Phantasias umbrais de encantos maus
Penumbram a illusão mental do chaos!
Spectrum nocturno e obscuro avança-o forte...

As presas estão presas nas grãs presas
Do grande predador que tanto presas!
Deste a Alma ao Imperador do Inferno e Morte...

REQUIESCAT IN PACE

O acorde condolente desta lira
E as notas musicais às cordas de éculo
Acorda o que há jaz morto neste século
Em sonhos que em outrora já falira.

Corvos a crocitar credos e cânticos
De canções e os condores à cantiga
Lúgubre da cultura mais antiga
De insalubres lamentos dos românticos.

As partituras vãs da ária a quem amo
Dedico e oferto igual aos céus e a Deus
Meu cândido clamor de súdito e amo.

O Anjo de Morte mórbido a vir ver-me
Brindar-me com licor de vinho e Adeus
A esta caveira e minha taça ao verme.

Poeta Lendário

O Poeta Lendário manifesta-se enquanto entidade de um poeta-ortônimo - Bruno Fagundes Valine -, cuja vida modesta não dispõe de registros relevantes, muito embora mantenha em seu espírito - estilhaçado pelos heterônimos - um elevado estado de nobreza inspirado pela arte de alto nível; tornando-se, pois, em um artista obcecado pela beleza e perfeição que almeja ainda a ser digno de um patamar grandíloquo.

brunofagundesvaline@yahoo.com.br

Renan Caiúque

A poesia gótica se revela nos quatro sonetos já conhecidos pelo público na Sociedade das Cinzas e no instagram do autor e no livro de 2018

A CLAREZA DA NOITE

Surgindo a noite, a solidão me abraça,
E extingue o lume da minha tristeza;
Ventos frios me beijam com leveza
E num instante o ceticismo passa...

Bebo as lágrimas minhas numa taça
E despejo palavras sobre a mesa,
Tal como se minha alma andasse presa
E pra sair quebrasse uma vidraça!

E quando volta o dia à sua rota,
Mais uma vez, em meu coração, brota,
Um temporal de lamentos diversos,

Pois o fim da noite é um sonho amargo
Como as obscuras sombras de um letargo;
E assim, nascem e morrem os meus versos.

*Publicado originalmente no instagram da Sociedade
das Cinzas: @sociedadedascinzas*

A BRUXA

Que encanto é este tão indecifrável
Que evoca o mais profundo sentimento
De toda a humanidade a este momento,
Tornando o Amor em mim inevitável?

Que magia divina e indesvendável
Ao meu coração pálido e cinzento
Dá cores e dissipa o desalento
Num piscar de olhos como um sonho amável?

Se os segredos das leis da Natureza
Tu sabes, sei os da tua beleza,
E suspiro por sua Poesia.

Não foi feitiço ou mágica, só a Arte
De contemplar tua alma nua e amar-te,
Que me fez ver a doce luz do dia!

*Publicado originalmente no instagram pessoal:
@renantempest*

ELEGIA

*Mais um, e este será o último;
Nunca um doce beijo foi tão mortal.
SHAKESPEARE; Otelo, Ato V, Cena II*

À sombra do escuríssimo cipreste,
Próximo destas árvores chorosas,
Descerram-se lembranças dolorosas
Do derradeiro beijo que me deste.

Recordo-me de teu olhar celeste,
A então contemplar as lôbregas rosas,
Que estavam congeladas... mas brilhosas,
Pelo Inverno, – que de dor tudo veste. –

A face deplorando amargo pranto,
Sobre um gótico túmulo, falaste:
"Vê como de tais flores morre o encanto!

O Inverno da vida também – que amaste –
Faz das almas cessar o breve canto!"
E beijando-me, "adeus!" tu suspiraste...

*Publicado originalmente no livro
“O Mal do Século” (2018).*

EVANESCÊNCIA

Se não externalizo algo que sinto
E se sinto o que não sentir queria,
Não é por um temor ou covardia,
Nem tampouco diria que ora minto;

Mas por viver num vasto labirinto
De velhas ilusões sem Poesia.
Por que, então, me expressar eu deveria,
Por sobre os ossos dum amor extinto?

Sou tão somente a sombra vã de um homem
Que os silêncios e as lágrimas consomem,
A cada uma lembrança imaginária;

Pois é em vão tudo o que é proferido
E o que é escrito jaz evanescido,
Restando uma tristeza solitária.

*Publicado originalmente no instagram da Sociedade
das Cinzas: @sociedadedascinzas*

Renan Caíque

Renan Caíque (1993-) é de Teófilo Otoni/MG, escreve desde os 13 anos influenciado por poetas clássicos como Álvares de Azevedo, Byron, Shelley, Musset, Poe, Oscar Wilde e Florbela. É autor do livro de poesias *O Mal do Século* (2018), criador do canal no youtube *Sussurros Poéticos*, membro do grupo literário *Sociedade das Cinzas*, bacharel em Ciências Contábeis (2019-UFVJM), pós-graduado em Educação em Direitos Humanos (2021-UFVJM) e servidor público estadual.

Rommel Werneck

O organizador torna públicos seus quatro sonetos cuja métrica é a mesma: o quaternário de anapestos (cesuras: 3a, 6a, 9a e 12a). Apesar de inéditos, o soneto steampunk *Elles* foi declamado no Sarau Sepulcral da Editora Clepsidra. Agradecimentos ao sr José Geraldo Gouvêa, editor do excelente blog letraseletricas.blog.br que "traduziu" os textos para a ortografia pré-1911.

ELLES

A fazenda, o café, plantações de um engenho,
Um perfume do mal scintilava em nitrato,
Circular, curvilíneo e global o formato
Das imagens ruraes, um estranho desenho...

Alphabeto de longe incompleto, inexacto,
Decifrá-lo tentei em sofrível empenho
E da torre enxerguei o tamanho ferrenho,
Colossal dimensão, o mysterio no mato...

Anoitece... subtil, a esmeraldica ethnia
Do estrangeiro distante a que cada um dos gryphos
Do navio produz em moderna magia.

Temporadas atraz e que tempos aquelles!
Quem teria graphado os pagãos agroglyphos?
A resposta direi, mas assusta-nos: ELLES!

ETERNA ESCURIDÃO

*“O Sol como se um leito procurasse,
Reduz o ardor da audácia matutina”*

Carolina Ramos

Imperando brilhante o solar em alturas,
Na abstinencia excelente e brumal de nebula,
Em ciano o feliz firmamento acumula
No matiz de piscina as turquesas escuras...

Em crateras de prata o luar congratula,
Os humanos com véu de noitadas futuras...
Em Apolo, Diana as penumbras impuras
Totalmente o recobre e letal ejacula...

Mas, a graça do Sol, totalmente de preto,
Finaliza em questão de certo minuto,
Retornando a manhã em cristal de amuleto...

Ao contrário do eclipse instantaneo e enxuto,
No trajeto que tenho ao luar, em dueto,
Seguirei no negrume infinito do luto!

AO CALOR DE CHARONTE

Desmaiei... despertei no navio de um homem.

Que local? Que sombrio o covil no horizonte!

Ao redor, em lazúli, o riacho Acheronte

E desnudo, o rapaz nos contornos no abdomen...

Levantou-me gentil e, no meu desafronte,

Em primeira visão, em ardor, me consomem

As paixões, um amor, os sentidos que somem;

Desmaiei e, de novo, ao calor de Charonte!

Mas, Senhor se me falta a vos dar um centavo,

Um favor: aceitai a viril virgindade

Em amor de um defunto, um inútil escravo

Se aceitardes beijar, lambuzar o consorte,

Viverei no Acheronte em fiel lealdade

Ao calor de Charonte, á nevasca da Morte.

DE MARIA NUNQUAM SATIS

Apparece em vitraes, em romances, em versos,
E em castelos, jardins, alfarrábios, cavernas,
Na leal Tradição e nas obras modernas,
Na fiel Tradução, a Vulgata em reversos...

Ressurgindo na aurora orações sempiternas,
Soberana em fulgor dos gerais universos,
Esmagando a minguate, a demônios perversos,
Normalmente em azul, em mantilhas supernas.

Às donzelas do véu do martirio vermelho,
Aos cruzados mortais na Santissima Guerra,
Um modelo exemplar, o bondoso conselho;

Mas ainda que muito appareça brilhante,
Coroadada no Céu, coroadada na Terra,
De Maria jamais se falou o bastante...

Rommel Werneck

Graduação em Letras (Unipaulistana, 2009), Especialização em Língua Inglesa (UMESP, 2017), Especialização em Literatura de Língua Inglesa (Faculdade São Luís, 2021). Editor-geral e cofundador do blog Poesia Retrô. Presidente Emérito do Picnic Vitoriano São Paulo. Professor na rede municipal de Santo André onde reside e na rede estadual temporariamente.

[SITE](#)

Ronaldo Rhusso

O soneto sacro de decassílabos é um texto inédito do autor convidado, veterano do Fórum do Recanto das Letras e que escreveu em nosso blog há alguns anos.

PRECE...

Volvei a mim os Vossos olhos, Pai!
Careço vosso amparo, qual carece
de cais seguro a nau que desfalece
enquanto a tempestade forte cai.

Ó Santo! A força em mim, presto, se esvai!
Com pressa o meu fulgor desaparece,
o dia do viver já me anoitece
e o riso dela, morte, a mim atrai.

Não louvam Vossa Graça, Vossa Glória –
sabeis, ó Poderoso – lá no além,
pois cessam alegrias lá, também...

Moído e no crisol, já sem memória,
mas sem negar-Vos nessa parca história
é que Vos louvo, Santo meu, amém!

Ronaldo Rhusso

Carioca, 53 anos, ex militar de Carreira, Teólogo Adventista, Mestrado em Escatologia, venceu alguns Concursos de Poesia, Contos e Crônicas, publicou três cordéis no ano passado e tem um Compêndio poético publicado com mais de cinquenta Modalidades poéticas que foi a Folhinha Poética Lusófona de 2016. Escreve nos seguintes portais: Descanso das Letras, World Art Friends, A sós com a Poesia.

Schleiden

Nunes Pimenta

Os longos textos em versos livres discorrem sobre temas ecológicos e sociais sendo *Doces-Vales-Mortos* premiado em 1º lugar no Concurso Literário Mário Quintana (SINTRAJUFE/RS, 2012). Os demais são inéditos.

DOCES-VALES-MORTOS

Brasil!

Seus vales doces, profundos, doces vales
Branco vales, vales branco temerosos
Doces, temerosos vales agressivos, branco
Íngremes, tão agressivos vales doces.
Eis, que temerosos, agressivos vales dos

Índios!

Apasionantes, desafiam os olhares frios
Desses homens profundos e agressivos,
Temíveis homens branco, frígidos,
Íngremes homens agressivos branco
Da Europa, branco dos vales frios

Profundos!

Invasores, brancos-negros que desafiam
Os vales apaixonantes, doces vales
Inocentes vales brancos, agressivos
Do Brasil de negros-brancos temerosos.
Vales doces, profundos índios inocentes

Apaixonantes!

Invadidos por brancos frios dos vales
Profundos, íngremes homens temíveis
Invasores dos vales doces, desafiados
Temerosos vales, invadidos vales brancos
Dos índios, inocentes apaixonados índios

Mortos!

RIQUEZA, NÃO

Eu não quero ser rico, não. Prefiro poetizar. Quem inventou que ser rico é ter e comprar, entrar e pagar quanto quiser e assim levar? é pobreza que acumula nas noites sem Lua e sem companhia, e quando minha poetiza não vem pela noitinha tal depressão satura.

Atura isso, não aturo! Se enricar é p'ra mim Só ter o que eu poderia dividir, não quero... Pois partilho as estrelas do céu em confim, e todas ainda persistem a luzir misteriosas!

Quereria para mim um monte de planetas, e onde lhes guardaria se não uso bolsas? Largue-os lá agora e depois p'ra nos guiar; permita que todos possam os ver, observar, filosofar, poetizar, namorar, partir e sonhar. Não os quereria a pender em meus pulsos. Se quisesse, os tivesse, outros careceriam de contemplar esses tais avulsos públicos.

Acumular demais, sugar feito buraco negro que se desfaz na imensidão dos impulsos, a tirar de nós para dar só a um, não quero. Se pego tudo, outros não poderão comprar e nem há razão de querer tudo aos acaso. se não preciso de tudo isso para comprar...

Pura vaidade da idade, social ou espiritual. Nem comprar e alimentar o ego acho certo; antes, prefiro plantar e preterir o individual.

Mas todos querem se enriquecer. Por quê? Quando deveriam é dividir e comer e utilizar e não acumular quê nem comerá ou usará. Idéia essa de riqueza alimento sem esmero. É como doença, tal como um câncer social, que retira dos que nada têm, para guardar.

O poder guarda, mas ele nunca terá a mim. Nem quero ter, apeteço dividir, não saturar. Riqueza solitária essa eu não aspiro assim. Nada é de ninguém, o que tem vai, e vem, às vezes nem existe, até some de tão ruim, transita, retorna e de repente volta aquém.

Seres pobres a se ocultar detrás de muros pedrados, apedrejados, os ricos das coisas. É um feudalismo ilusório de nossos tempos.

Antes quereria ser rico de sonhos e sonhar; então deixe as estrelas no céu, deixe-as lá, pois dentro das bolsas elas não irão brilhar. Se todo ser quer se enriquecer, cego, sedento, alguém sempre de ser o rico deixará, então, não tendo como todos ser ricos em tempo...

Quero asas e asas não se pode barganhar – pois falo é de imaginação, não de coisas. Sejamos ricos todos tendo tudo para todas. Por que alguns acham que temos bastante para todos no mundo, de modo que todos tenham tudo e ninguém tenha um faltante?

Não quero tudo a mim, não quero esse mal. Preferiria bem mais que tudo fosse de todos. Não quero ser uma terrorosa doença social, guardar para mim somente, se no pós morte não se há como levar nem um mero centavo

- nem o que tinha em vida, nem passaporte;
e enquanto uns criam que já possuíam tudo,
outros definharam porque não tiveram nada,
já que tudo se perdia no caixão do seu leito...

Ideia essa de riqueza alimento sem esmero,
e como doença, tal como um câncer social,
que se faz de rica por ser um pobre severo

Deixe estar, não sou doença para acumular.
Venha contemplar as estrelas comigo, amigo,
Pois elas ninguém pode nos bolsos guardar.

O PORTAL DOS LUPANARES

Dentre as nove montanhas rochosas
que mãe natureza moldara às fossas,
em formatos de presas mais afiadas
que o nariz das suas duas espadas,

eis o audaz que me furtou a atenção,
que foi ao Portal dos Lupanares, só,
e cavalgou até o Paço da Palpitação
onde tais dentes lhes causavam dó.

Parcos raios afoitos do sol nublado
se expunham no tento de iluminá-lo,
feito santo a rebrilhar a alma quando
na peleja de um escurecer nefando.

Corvos em galhos de árvore retorcida
a agourar e avisar da guerra vencida;
as pombas revirando suas entranhas
para não assistir humilhações tantas.

Os picos das rochas não o protegiam dos perigos que além-deles existiam, pois a alma da estrada vinha ao solo no intento exato de engoli-lo ao colo.

A luz, que dantes impelia à devoção, extinguiu-se ante as nuvens umbrais a lhe dispor render a face pela visão ardente de vergonha e vaidades tais.

De vero às brasas, tal trilho de chão em ladrilhados da seca em profusão, escorregadio pelo orgulho vermelho, reluzente como um espelhado velho era a viela para o bem, ou para o mal, para a depressão ou para a salvação; mas, de pós e após do bem e do mal, era tão somente o portal ao coração.

Para bem além dos dentes da morte o homem, ao lombo do cavalo, vem; a bem dos seus sonhos e da sorte é que ele trata a morte com desdém...

À pista azulada do chão ladrilhado,
pela seca quebrantado, ele cavalga,
a dançar sua coragem pelo orvalho
que além do mal engana ou o salva.

Ao encontro do sol que não ofusca
ele afronta os corvos a lhe agourar,
acompanhado por pombas brancas
que dos céus até ali foram o guiar.

Para além das campinas nevoentas
ou labirintos de florestas banguelas
ele se opõe ao pôr das esperanças
e utiliza os fogos-fátuos como velas.

Para o que enxerga luz entrenévoas
e faz das aves o seu guia nas trevas,
os dentes daqueles picos de agouro
são tão somente suas lanças de ouro.

À pista azulada do chão ladrilhado,
pela seca quebrantado, ele cavalga,
a dançar sua coragem pelo orvalho
que além do mal engana ou o salva.

Ao encontro do sol que não ofusca
ele afronta os corvos a lhe agourar,
acompanhado por pombas brancas
que dos céus até ali foram o guiar.

Para além das campinas nevoentas
ou labirintos de florestas banguelas
ele se opõe ao pôr das esperanças
e utiliza os fogos-fátuos como velas.

Para o que enxerga luz entrenévoas
e faz das aves o seu guia nas trevas,
os dentes daqueles picos de agouro
são tão somente suas lanças de ouro.

TERRA

Sacrifício. Desespero. Agonia. Chama.
Há pulsares nas profundezas do meu corpo.
Tenho fúria nos olhos, o horizonte inflama.

Lua morre de pesar. Sol ensandece e cresce.
O mundo todo sofre com o meu tormento.
Amor. Vida. Pureza e esperança que padece.

Os homens cuspiram em meu peito rachado,
Queimado sem perdão na angústia da traição.
Olhe-me, filhote. Aparta-te deste machado!

Sou a mãe que teve os dias de juventude
Transformados em uma terrível branquidão.
Você roubou de mim o sono e a fortitude.

Equivoquei-me ao criá-los, é o que eu penso.
Ultimamente me vejo apenas em tormento
E os pensamentos não tem mais bom senso.

Tanto para conseguir-me sentir preparada,
Acumular energias e segurá-las em prol
D'um mundo harmonioso! E tudo em nada.

Até as energias parecem ter vida própria,
Cada uma presa em construir ou destruir
- até me destruir, a sua verdadeira pátria!

Logo a mim, a progenitora do que existe
Debaixo desses mares e acima dessa terra,
Que amou o ser mais alegre ao mais triste?

Você não existia, antes. E além do começo,
Até que os gigantes pisassem no solo cinza,
Você não existia e o seu respeito eu mereço.

Antes dos que nadavam em extravagância,
Você não imaginava caminhar assim, ereto,
A desafiar os céus em tamanha arrogância.

Preste atenção para guardar o que te digo,
Pois há muito se esqueceste do puro saber,
E no fundo não possuía nenhum amigo...

Ao que a mente o abraçou, você cresceu;
Tirou-o do seio da existência primeira
Deste universo gitantesco e enlouqueceu.

Rendeu-se ao altar sintético e se prostrou
Perante o falso saber e a ilusão do poder,
Que a serpente em seus ouvidos sussurrou.

Pensaste apenas em ter para si e se perdeu
Ao ouvir os segredos de poder e equilíbrio,
E o desequilíbrio facilmente veio e o venceu.

Antes, você não pensava como pensa hoje
E não se corrompia, não existia corrupção,
Tampouco precisava de máscara ou retoque.

Energias e animais lutavam em profusão,
E tudo isto para sobreviver e se encaixar
Perfeitos na evolução que procede a criação.

Mas você ouviu o sibilo do ser rastejante,
Que rasgava e ainda rasga o peito a tentar
Avançar dentre as pedras, em minha face,

Em meu corpo, que dei de viver e comer
E que ainda dou, e ainda hoje me pergunto
Como isso foi ser e acontecer e se perder.

Tudo está na mente, porque ela é a astuta,
A mais astuta serpente e que é a sua mente,
E tudo diz respeito à sua ilusão e prepotência

Schleiden Nunes

Pimenta

Schleiden Nunes Pimenta é mineiro de Campo Belo. Advogado, especialista em filosofia do direito, é autor de obras acadêmicas e literárias premiadas ao longo do país, além de textos de todo tipo distribuídos em sites e antologias. Caminha entre o realismo mágico e a fantasia, trabalhando contextos que beiram o absurdo. É um quase budista defensor do meio ambiente e dos direitos de todos os animais.

INSTAGRAM

Thaís Bueno

O último soneto da antologia foi escrito em hexassílabos e versa sobre Zeus. A estreante também apresenta outro texto inédito: um indriso, por sinal, o único da antologia.

SONETO DE ZEUS III

ergue um caos discreto
baldo até germinar
vem das linhas de afeto
a estrutura do altar

pouco interessa a crença
quanto também a fome
só há uma sentença
na boca só teu nome

me tens animalesca
tão boêmia e promíscua
de frases principescas

os olhares de zeus
fraternos se imiscua
com tolos olhos meus

MADRUGADA

o relento guarda um gosto de calma
o cheiro que invade a madrugada
se carameliza ao meu torpor

talvez as coisas silenciadas
remetem a minha alma
esse mesmo dissabor

por que contar as estrelas

se posso contar meu langor

Thais Bueno

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tem participação em mais de 20 antologias de poemas e contos pela Lura Editorial, IN-FINITA, EHS Edições, Selo Editorial Independente, Brechibookseditora, dentre outras.

Vânia Perciani

Os dois textos em versos livres possuem um certo medievalismo e misticismo sonoro. O primeiro texto já foi publicado na Antologia Sons e Tons (EHS Editora, 2021) enquanto o segundo poema é inédito.

DOBREM-ME, SINOS

Vinha verde, verde vinha,
Sobe a torre, vai
Tangendo a luz dos sinos:

- Dylan, Dylan!

Não tenho sono! Golpeio
A sonâmbula manca rua
No arder brônzeo dos sinos:

- Dylan, Dylan!

Soam as gaitas da chuva!
Balança o campanário,
Ao troar o branco, as águas:

- Dylan, Dylan!

E verde vinha, vinha verde,
A floresta toma a torre,
Toma ossos, toma sinos:

- Dylan, Dylan!

UMA VELHA CANÇÃO EM TEUS OUVIDOS

Orquídea que baila
Ao sabor do vento,
Tens novas do meu amor?

Hoje abri a janela. O sol
Beijou-me os olhos de leve.
Trouxe teu perfume.

Orquídea que baila
Ao sabor do vento,
Tens novas do meu amor?

A verde rama balanço, ver
De leve... Solta balanço.
Tua voz em pétalas.

Orquídea que baila
Ao sabor do vento,
Tens novas do meu amor?

Meu corpo urge! Unge
sombra, acaso, acesa, tão
Sensível carne do sonho!

Orquídea que baila
Ao sabor do vento,
Tens novas do meu amor?

Vento sopra! Sopro forte,
Ventam trêmulas estrelas...
Chegaste.

Vânia Perciani

Formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de língua portuguesa na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Tem participação em mais de 20 antologias de poemas e contos pela Lura Editorial, IN-FINITA, EHS Edições, Selo Editorial Independente, Brechibookseditora, dentre outras.

